



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 26 DE JULHO DE 1960.

NA INSTALAÇÃO DO I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE CONCEITUAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA.

784 Atravessando um dos períodos mais intensos e ocupados de tôda minha vida pública — entre viagens e tôda a sorte de trabalhos dêste fim de govêrno —, mesmo assim não me foi possível resistir ao vosso convite de vir participar do momento inaugural desta reunião de economistas e dizer-vos algumas palavras.

785 Antes de entrar na matéria que constituirá a minha modesta contribuição a êste fecundo encontro, quero saudar os homens estudiosos que se debruçam sôbre os problemas nacionais e procuram soluções para as

dificuldades de nosso imenso e extraordinário país. O fato de reinar nos domínios que percorreis a obscuridade que não permite muitas vezes uma visão nítida das coisas, não é razão para pessimismo ou desânimo. A obscuridade a que me refiro não é outra que a aproximação do despertar das generosas vozes de amanhã, o anúncio de um dia que poderá ser glorioso, se encontrarmos o verdadeiro e justo caminho. O encontro dêsse justo caminho depende em grande parte de vós, das vossas pesquisas e, principalmente, da interpretação que encontrardes para a realidade brasileira. Peço-vos licença para formular um apêlo, que é ao mesmo tempo uma advertência: não vos afasteis do fato real, não vos deixeis cair na tentação das construções prioritariamente teóricas, não permitais que os conhecimentos indispensáveis das experiências alheias vos afastem dos fenômenos do país e da sociedade onde tem de exercer-se o vosso trabalho. Não consintais que o sôpro de poderosos espíritos que se aplicaram no exame e na interpretação de problemas diferentes dos nossos possa levar-vos a não ouvirdes o que reclama a nossa especialíssima e admirável terra. Pela sua complexidade, pelos próprios obstáculos que se opõem a um desenvolvimento fácil e harmonioso, o Brasil é uma incomparável matéria-prima para vós, a quem por certo deve seduzir uma série de problemas, riquíssima em suas facetas.

No mundo inteiro, vivemos uma hora densa e difícil, em que a vossa especialidade se tornou fundamental. No caso particular brasileiro, estamos ainda no início da viagem que nos permitirá o próprio conhecimento do que se impõe como tarefa precisa, e já nos damos conta de que nos vinculamos aos problemas da nossa região americana. Mas não quero distrair-me do assunto que julgo útil e oportuno tratar aqui.

O "Primeiro Simpósio Nacional de Economistas", congregando especialistas de todo o país para um de-

786

787

bate em torno de problemas brasileiros essenciais, reveste-se de inequívocas importâncias para o nosso futuro.

788 Serão discutidos aqui por homens de competência técnica e experiência local, regional e nacional, as dificuldades, o funcionamento, os êxitos e os insucessos da economia brasileira. Equivale a dizer que serão expostos e tratados problemas relativos ao problema fundamental, que é a aceleração econômica de um dos maiores países do mundo ainda em processo de desenvolvimento e, certamente, do maior país da Causa Ocidental que venha desenvolver-se na liberdade, na democracia, dentro do sistema do livre empreendimento, da livre iniciativa, apenas auxiliado pela atuação dinâmica, porém eminentemente supletiva e estimuladora do Estado.

789 A experiência brasileira está sendo seguida com interesse por tôdas as demais nações igualmente ansiosas de redenção econômica. Da velocidade que lograrmos imprimir ao nosso progresso, da justiça com que conseguirmos distribuir entre regiões e classes o produto dêsse desenvolvimento hão de depender os rumos de muitos outros países neste hemisfério e das jovens nações que surgem para a liberdade, no outro lado do Atlântico, no Continente irmão, ao qual nos unem laços de sangue e traços de semelhança nos problemas de desenvolvimento.

790 Através da Operação Pan-Americana já indicou o Brasil o seu desejo de cooperar com as demais nações do Hemisfério Ocidental, emprestando-lhes a experiência das nossas realizações e dos próprios erros que procuramos corrigir. Desejamos colaborar com todo o hemisfério na procura de novas fórmulas de desenvolvimento que se considerem satisfatórias.

791 Esse desejo de cooperação da nova política brasileira no plano internacional se estende a todos os países

subdesenvolvidos ou em desenvolvimento; e, se pudermos cooperar com os mesmos, sobretudo os que estão agora cristalizando a sua integração política e econômica no Continente Africano, trocando idéias, experiências e recursos, estou certo de que nos beneficiaremos todos, acelerando em conjunto o processo que dignificará plenamente a totalidade dos nossos povos. É essa a essência da OPA, vale dizer, é essa igualmente a beleza da OPA, o desejo de solidariedade com as nações de boa vontade, visando a atingir um mais alto destino comum.

O problema do desenvolvimento econômico não pode circunscrever-se exclusivamente à cooperação entre países subdesenvolvidos. Se a semelhança ou analogia de problemas, se a comunidade de objetivos e a consciência de que o destino de cada um influenciará necessariamente no destino dos demais, o que provoca a união necessária dessas nações, precisamos não nos esquecer igualmente de que as mesmas causas nos unem a países altamente desenvolvidos. A diferença fundamental é que esses países já se aproximam ou atingiram o objetivo comum a que aspiramos, e estão assim em condições de emprestar-nos uma experiência mais rica e de colaborar conosco dentro da maior liberdade de recursos. A conquista positiva de nosso tempo, entretanto, é que já se começa a compreender, mais e mais, que no conjunto das nações, por pequenas que sejam, em território ou população, o destino de cada uma pesará sobre o destino de todas.

Dentro da Operação Pan-Americana, lançada especificamente para acelerar o desenvolvimento econômico dos países deste hemisfério, já contamos com o apoio de todos os países, e sobretudo dos Estados Unidos da América, a mais desenvolvida nação do mundo. Seria ocioso mencionar que a cooperação técnico-econômica do grande país do norte representa só por si uma ga-

792

793

rantia de sucesso para o empreendimento. A imensa experiência tecnológica norte-americana, que vem sendo cada vez mais posta à disposição dos povos latino-americanos, e os seus recursos econômicos — que, medidos em termos de produção, são aproximadamente nove vêzes maiores do que os produtos nacionais reunidos de todos os demais países da Organização dos Estados Americanos — permitirão uma liberdade de atuação que muito poderá contribuir para os fins de redenção econômica que pretendemos alcançar.

794 É mister, agora, que se compreenda, com tóda a clareza, o problema, tal como se apresenta, a fim de se encontrar a solução adequada.

795 É mister que os países americanos, no todo e em parte, caminhem para um processo de desenvolvimento suficientemente acelerado que lhes garanta a tranqüilidade política e social. Esta só se obterá com uma consciência de que, com o correr do tempo, irão chegando os benefícios em maior produtividade. O desenvolvimento, na medida em que se acelera, reduz os conflitos internos do sistema econômico-social e dilui a força reacionária e egoísta dos interesses estabelecidos. A certeza de que haverá eventualmente o bastante para todos elimina a necessidade, que se apresenta aos indivíduos nas economias estagnadas, de lutar ferozmente pela posse de migalhas, e facilita a prática da justiça social. Um povo em desenvolvimento é sempre um povo generoso, enquanto a miséria cria os círculos viciosos da inveja, da crueldade e da não cooperação dentro do corpo social.

796 Por essa e por numerosas outras razões, apontadas pela moderna teoria de desenvolvimento econômico, existe com relação a êste uma taxa mínima que representa, por assim dizer, uma “velocidade de escape”. Sem querer definir aqui se essa velocidade não fôr

atingida, o processo de desenvolvimento se tornará insuficiente e, mesmo, de resultados negativos.

Existem, na América Latina, numerosas regiões em que se evidencia não ter sido alcançada essa velocidade mínima. Ora, é êsse, evidentemente, o único teste a ser aplicado para se medir o sucesso da cooperação americana. 797

Não há dúvida de que os Estados Unidos da América, em sua consciência crescente da coesão dos povos livres que optarem pelo sistema democrático do livre empreendimento, se têm exercido em favor dos países americanos. Entretanto, é preciso que se diga, com tóda a franqueza, não ter sido até agora suficiente essa cooperação, já que a América Latina continua imersa em claros círculos viciosos de estagnação econômica. 798

Alguns indícios veementes dêsses círculos viciosos podem ser mencionados, tais como as explosões demográficas que corroem os aumentos de renda porventura obtidos; a inflação generalizada, oriunda da insuficiência de recursos de investimentos bastantes para empregar industrialmente os subempregados do campo agricolamente para alimentar nas cidades as populações assim valorizadas; a insuficiência de recursos para, simultaneamente, efetuar um amplo processo de educação, capaz de modificar não só a nossa base tecnológica, mas também as atitudes, tradições e hábitos, estabelecidos e adaptados a regime de estagnação ou de desenvolvimento insuficiente, a baixa capacidade inovadora e a rigidez institucional. 799

Assim sendo, embora seja indiscutível que a assistência obtida deve ter tido efeito positivo, implicando incrementar o crescimento econômico, a verdade é que não passou pelo teste básico — não permitiu o mínimo de crescimento necessário. A fim de proporcionar uma transição do estado de subdesenvolvimento para um estado de desenvolvimento, quando se poderá es- 800

perar que surja um processo cumulativo e basicamente autônomo de crescimento, é necessário (embora nem sempre suficiente) que numa certa hora, ou durante um certo período, receba a economia um estímulo para crescer, igual ou maior do que o mínimo crítico mencionado. Não atingir esse mínimo crítico significa que rapidamente, dentro da economia, se mobilizam forças de “retardamento” e que a economia, depois de um pequeno avanço, verá os seus ganhos rapidamente estéreis, e restabelecer-se-á de novo em nível baixo de rendas *per capita*.

801 Uma das principais razões que, na aparência, explicariam a incapacidade do sistema americano de atingir esse mínimo crítico parece ter sido a sobreposição de regras estranhas ao problema econômico, porém limitadoras das alternativas de solução para o mesmo. A título de exemplo mencione-se a política de deixar essencialmente para os capitais privados o encargo do financiamento internacional do desenvolvimento. Ora, não há dúvida que existem “quantitativamente” capitais privados mais do que suficientes para proporcioná-lo. Mas, além dos círculos viciosos já tão estudados que indicam que esses capitais só emigram quando certas condições especiais são obtidas, condições essas que dependem da aplicação do capital público, existem numerosas outras, dentre as quais mencionarei o fato de que a única garantia de vir o capital privado a fluir nas quantidades e qualidades adequadas está ligada à velocidade do desenvolvimento. Se um país estiver estagnado economicamente em baixos níveis, o capital privado não procurará integrar-se ao mesmo, inclinando-se, ao contrário, a explorá-lo no sentido “colonial” ou “imperialista” da palavra. Vale dizer, o capital privado, nessas condições, tende a enquistar-se na economia, não a beneficiando como um multiplicador de rendas, já que o efeito de multiplicação tende, nesses casos, a exercer-se na renda da nação investidora, que

se beneficia de matérias-primas obtidas a baixo preço. A garantia de que o capital privado venha a fecundar de todo a economia subdesenvolvida está ligada à velocidade de desenvolvimento da mesma. Se a economia subdesenvolvida está crescendo rápida, se já representa substancial mercado interno, com perspectivas futuras brilhantes, então o empreendedor privado procurará integrar-se plenamente e criará assim perspectivas ainda melhores. Entretanto, atribuir aos investimentos privados o papel de iniciar o desenvolvimento, ou de acelerá-lo suficientemente nos seus estágios primários só poderá levar às imensas frustrações que hoje caracterizam o corpo sócio-econômico latino-americano.

Outro ponto de enorme importância, que é necessário destacar, é o fato de que a América Latina, como um todo, já faz um substancial esforço investidor. Relacionando-se êsse esforço ao produto nacional bruto, êle equivale, em média, a 17 por cento, o que parece alto em extremo para um conjunto de países, cujo produto médio *per capita* não atinge ainda os trezentos dólares. Seria difícil esperar que, num regime democrático de livre iniciativa econômica, pudessem os povos latino-americanos almejar uma compressão de consumo mais alto do que êsses investimentos indicam. Porém a realidade mostra a maioria das nações ocidentais, como base de rendas de duas a quatro vezes mais altas do que a latino-americana, conseguindo coeficientes de investimentos sobremodo mais altos, como os países do Mercado Comum Europeu e o Canadá, em que chegam a 26 e 28 por cento dos seus produtos nacionais.

Nessas condições, como tem acontecido nos últimos 12 anos, os pobres continuarão a ser relativamente mais pobres, e os ricos mais ricos. Quando a insegurança econômica começa a agitar as populações latino-americanas a ponto de atingir a própria segurança continental,

804

803

convém medirem-se cuidadosamente as conseqüências dêsse equacionamento das forças mundiais.

804 O resultado dêsse exame da conjuntura deverá levar, é lógico, à procura de caminhos alternativos, que garantam uma esperança mínima adequada para os povos do Continente. Ter-se-á que fazer um cuidadoso balanço de recursos internos e da cooperação internacional, a fim de que se venha a obter uma indicação objetiva dos esforços relativos que, de fato, serão necessários a cada país. Seria criminoso se continuássemos a esperar ou planejar na base da eventual cooperação de recursos com os quais não poderemos legitimamente contar. Seria mais criminoso ainda se, na falta dêsses recursos, aceitássemos o subdesenvolvimento com a ilação inexorável da lógica dos fatos econômicos, pois impor-se-á, então, um doloroso reexame do sistema.

805 Foi minha intenção, com estas palavras, dar a maior ênfase à importância que atribuo aos trabalhos que aqui se iniciam. Ao aproximar-se o término de um Governo cuja plataforma básica foi acelerar o desenvolvimento econômico, de um Governo cujas obras de infra-estrutura econômica excedem, sem dúvida, largamente, tudo o que foi feito em períodos anteriores, julguei imprescindível expressar que o interesse pela continuação dos planos de desenvolvimento está mais alto do que nunca. Mas num país, que já adiciona por ano, à sua população, 1.800.000 (um milhão e oitocentos mil) brasileiros, os problemas crescem também em velocidade acelerada, e é preciso pensar, planejar, e *ousar* em dimensões que se agigantam.

806 Como brasileiros e como economistas, podereis dedicar-vos tranquilamente aos vossos trabalhos, na certeza de que todos os esforços estão sendo envidados pelo meu Governo para o debate amplo e objetivo dêsses pro-

blemas, de forma a garantir o máximo de cooperação compatível com a evolução do pensamento e da filosofia básica das nações que acreditam em cooperação internacional.

A sorte está lançada. Não será ousadia excessiva dizer que o destino do chamado mundo livre depende de uma mudança substancial na maneira de conceber o mundo. Devemos ter presente que importa às democracias ocidentais convencerem-se de que há uma missão a cumprir no mundo, e que só há uma bandeira — a do desenvolvimento para a prática da justiça social e a manutenção da paz entre os homens. 807